Uma Páscoa da boca para fora

claudio_tognolli
yahoo-news-br-claudio-tognolli
2 de abril de 2015

Imagem: Thinkstock

"Não falamos para dizer algo, mas apenas para produzir algum efeito"

Goebbels

Jamais pude privar daquela fita místico-mágica a que Freud chama, em *O Futuro de Uma Ilusão*, de "profundo sentimento oceânico" –que é, de resto, o barato religioso.

Conheço "n" católicos carolas, de todo incapazes de perdoar. Usam no peito cruzes de ouro 18. Se alguém pisou na bola com eles, tal pisada se converte, em seus gogós, em bolos duros, jamais vomitados ou descomidos por aquele código de comportamento a que chamamos de "o perdoar".

A relação dessa gente com a religião é algo puramente estético. Bonito de se recitar, lindo de se ostentar: impossível de se praticar.

Na política a onda vai pelo mesmo. Precisou algo como o Petrolão para que as pessoas vissem o descaminho dos nossos políticos pelo mesmo barato desses católicos tão falsos como cenários de ópera. Afinal na política brazuca a ética também é algo bonito de se recitar, lindo de se ostentar: impossível de se praticar.

Noto: o mau católico e o mau político padecem daquilo que a medicina chama de “efeito iatrogênico”: o mal causado pela cura. O discurso religioso dá as mãos ao discurso ético, em política, porque, no fundo, tornaram-se apenas referências estéticas sem nenhuma relação com a mais tênue das sub-rotinas desses cidadãos.

O carola reza a missa e não perdoa o próximo. O político discursa sobre valores e em seguida vai assaltar a gaveta de uma viúva. São todos, noto, filhos espirituais do mesmo estado de coisas. São cantores de “cover”: executam roteiros de outrem, animam, divertem (podem até tocar corações): mas nada do que expõem sequer tecnicamente lhes foi processado no sistema nervoso.

Há por aqui, no Brasil em particular, e na América Latina em geral, um personagem interessante: aquele a quem Nelson Rodrigues chamava de o “padre de passeata”.

Um elo interessante ligou, na América Latina, os padrecos aos comunas. Ambos brandem suas varinhas de condão (sobretudo ao raspa-prato que vota em assaltantes em troca de bolsa-família) imprecando contra a grana. No Sermão da Montanha, Cristo refere (sic) que é mais fácil um camelo entrar no buraco da agulha que um homem rico entrar no reino dos céus. No seu “Manifesto”, Marx diz que quando o capital for enfim suprimido poderemos ser felizes e ir irmos, tofos os os dias, “pescar à tardinha”. (sic).

Marxismo e Cristianismo deram as mãos felizes da vida, no Brasil, porque ambos sugerem (e prenunciam) a vinda de

um tempo sublime, em que viveremos num estado uterino de bochorno, bonança, bem-aventurança e o diabo.

Essse estado mental é o típico legado que nos deixou a Companhia de Jesus. Seu agente principal, o canalha José de Anchieta, veio para cá praticar a Contra-Reforma com ordens expressas. Que eram: inquinar, envenenar, e contaminar índios e degredados, com a ideia de que essa vida é um mar de lágrimas. Mas que teremos a salvação no paraíso se deixarmos que padres, políticos, El Rey e seus burocratas, administrem nossas vidas terrenas.

José de Anchieta veio aqui nos envenear com vagidos de que a vida não presta, o barato legal vem após a morte –e só serão bem vindas atitudes coletivas.

A livre iniciativa, o individualismo, o toma-lá-dá-cá do estado de direito, a tríade trabalho barra sacrifício barra realização (diziam os cutrucos mandados de Lisboa), eram cousas de gente fria e calculista, cousas da “fleugma” bretã, do racionalismo alemão (e mais tarde do caráter indômito dos desbravadores do velho oeste).

Ter ideias ímpias e irreverentes, agir por si só, referiam nossos colonizadores, eram atributos que não serviam àquele nosso país onde, mais tarde, Stefan Zweig veria em seu mapa o desenho de uma “linda harpa” e Lima Barreto o de um “lindo presunto”.

Fomos criados em coletividade. Fomos criados sob o manto de que é pecado pensar . Não é para menos que Max Weber via no arranjo protestante, sumamente individualista, a chava para o florescimento do capitalismo.

Até os impostos são imbutidos no preço final do produto para que nosso raspa-prato ache, afinal, que a estrada e hospital não foram pagos por eles –mas são dádivas do nobre senhor, donde o que nos resta é agradecer na base do “nhonhô manda, caboclo faz”.

Dia de Páscoa você vai ver muita gente falando em ética e bondade.

Saberá que é tudo da boca para fora. São penduricalhos verbais para pagar de gatão.

Nada que não tenha sido mostrado por Antonio Candido em seu ensaio *Dialética da Malandragem* (1970).

Nada que Ariano Suassuna não tenha colocado no seu panteão de espertos, composto por safados como João Grilo, Caroba, Pinhão, Cancão, Benedito, Mateus e Joaquim. A todos eles Suassuna chamava de “quengo”. O quengo é o rei da pernada de anão. Fala, prega, promete, e em seguida vai assaltar.

Já escrevi sobre isso aqui:

https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/anderson-silva-para-presidente-na-republica-dos-152910293.html

Do nosso mundinho de desbunde religioso, políticos eticamente coquetes, éticos sazonados e sazonais, pregadores adventicios, e padrecos polaroidemente lustrosos, tenha uma certeza: nada do que te falarem nessa Sexta Santa se lhes toca o coração.